



## **Jornalismo Investigativo: pesquisa de caso com enfoque na mídia impressa<sup>1</sup>**

Universidade de Cuiabá- UNIC

Thalita Antônia Sibioni Bruno<sup>2</sup>

Juliana Radel dos Santos<sup>3</sup>

Juliana Velasco<sup>4</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho analisa o caso Reginaldo Donnan Santos, 31, vítima de espancamento dentro do Goiabeiras Shopping, em Cuiabá, capital de Mato Grosso. Busca apontar as falhas do jornalismo investigativo nas matérias publicadas em dois jornais impressos: A Gazeta e Diário de Cuiabá. O objetivo é descrever como os repórteres desses veículos de comunicação impresso se portam perante a apuração e solução de variadas ocorrências. A relevância desta pesquisa qualitativa se dá ao mostrar que as matérias consideradas especializadas, não seguem regras e nem técnicas do jornalismo investigativo, que de acordo com as pesquisas feitas são essenciais para a elaboração do material que irá ser divulgado.

**Palavras- Chave:** Jornalismo investigativo. Jornais impressos A Gazeta e Diário de Cuiabá. Caso Reginaldo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 06 Interfaces Comunicacionais – XII Intercom - Congresso de Ciência da Comunicação na Região Centro Oeste.

<sup>2</sup> Acadêmica do 7º semestre de Comunicação social, Habilitação em Jornalismo/FACS UNIC. E-mail: thalita\_asb@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do 7º semestre de Comunicação social, Habilitação em Jornalismo/FACS UNIC. E-mail: ju\_radel@hotmail.com

<sup>4</sup> Orientador do trabalho: professora da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Cuiabá – UNIC. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Jornalismo.



## INTRODUÇÃO

Este artigo constitui na reflexão da abordagem de noticiabilidade no caso Reginaldo Queiroz, 31, vítima de espancamento dentro do Goiabeiras Shopping, em Cuiabá –MT, nos veículos de comunicação Gazeta e Diário de Cuiabá.

A pesquisa analisa se os critérios de normatização obrigatórios na práxis jornalística investigativa estão inseridos nas notícias publicadas nesses jornais. Pois de acordo com Fortes (2007 p. 35), as matérias de jornalismo investigativo, são normalmente mais complexas e necessariamente leva-se mais tempo para serem concluídas, ou seja, toda matéria publicada necessita de cautela para divulgação seguindo normas jurídicas como éticas.

A proposta é refletir sobre a prática jornalística em casos que necessitam de investigação e como este conceito é interpretado pelos profissionais mato-grossenses. Pena (2005, p. 73) afirma “não há bem mais valioso que a informação”, ele compreende por jornalista aquele que busca a verdade e trabalha em prol a sociedade.

Neste contexto, o jornalismo de geral proporciona ao leitor uma comunicação auto-explicativa. Os assuntos não são isolados, assim o leitor pode ter interpretação mais abrangente sobre os temas noticiados.

Ao longo deste trabalho, analisam os conceitos essenciais que vão desde a apuração dos fatos até a redação das matérias, para obter uma investigação profissional de qualidade e que seja eficaz para um melhor entendimento da sociedade.

Para tanto, uma análise do caso Reginaldo, foi feita nos jornais A Gazeta e Diário de Cuiabá. Prática e na teoria como uma investigação é imprescindíveis para o esclarecimento de inquéritos. De forma simplificada alguns requisitos para a contextualização de uma matéria investigativa foram utilizados para o estudo da pesquisa.

Dessa forma, a escolha do tema busca ressaltar o valor do repórter investigativo, mostra ainda a credibilidade que a investigação precisa conquistar nos jornais entre outros.

Assim o estudo da pesquisa irá averiguar se os processos de apurações necessárias para divulgação das matérias existem nos jornais A Gazeta e Diário de Cuiabá.



## **METODOLOGIA**

No período de fevereiro a março de 2010, as matérias veiculadas sobre o Caso Reginaldo Queiroz nos jornais A Gazeta e Diário de Cuiabá foi estudado.

É importante ressaltar que a pesquisa feita nos jornais A Gazeta e Diário de Cuiabá foram através de uma retrospectiva de edições impressas, seguindo uma sequência de publicação do Caso Reginaldo. Porém, pela falta de material disponibilizado e organizado no setor de arquivo dos jornais, a análise das notícias foram constituídas apenas com poucas edições fornecidas pelo setor responsável que guardam as publicações diárias dos jornais impressos. Realizou-se a leitura preliminar de todas as matérias e a observação minuciosa, utilizando o enfoque das abordagens investigativas.

Enfoque: foto, texto e formato da matéria. Itens indispensáveis numa investigação jornalística de qualidade. O estudo crítico se restringiu as notícias impressas verificando como o assunto foi tratado pelos jornais (uma análise ampla de como as notícias foram divulgadas), quais editorias, as fotos e se as notícias possuem imagens, quantidade de matérias e repórteres que escreveram sobre o caso e principalmente se no processo de apuração dos fatos foi utilizado o jornalismo investigativo.

Os dois jornalistas que mais escreveram sobre o caso Reginaldo: Steffanie Schmidt do Diário de Cuiabá e Ana Paula Bortoloni do jornal A Gazeta, foram entrevistadas. O propósito desse recorte foi compreender o processo de noticiabilidade do caso Reginaldo Queiroz e sua ligação com o jornalismo investigativo.



## **1 HISTORIA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO**

Produzir qualquer tipo de reportagem exige certa investigação por parte do profissional do jornalismo. Segundo Sequeira (2005, p.15) “há uma categoria que se diferencia da outra – pelo processo de trabalho, métodos de pesquisa e estratégias operacionais- definida como jornalismo investigativo”, a qual se trata de uma apuração ampla e profunda das matérias. Ainda, seguindo a linha de raciocínio da autora, o jornalismo investigativo difere-se das técnicas rotineiras de reportagem empregadas na atualidade. Isso significa que as técnicas usadas nas investigações, fogem do cotidiano dos repórteres para tornar público àquilo que governantes pretendem esconder da sociedade.

Em 1955, nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, surgiu o jornalismo investigativo. Entretanto, o que fez com que essa categoria se firmasse foi o caso Watergate, uma série de matérias publicadas em 1972, no The Washington Post sobre a renúncia do ex-presidente americano Richard Nixon. Ele se envolveu em um escândalo político que, ao vir à tona, acabou por culminar na renúncia do presidente americano.

De acordo com Sequeira (2005, p.45) no Brasil, apenas dois teóricos conceituaram o jornalismo investigativo: Nilson Lage (2001), que define a categoria “como uma forma extremada de reportagem, em que o profissional dedica tempo e esforço no levantamento de um tema pelo qual se apaixonou” (SEQUEIRA, 2005, p. 24). E Alberto Dines, que caracteriza como o “engrandecimento da informação, a tal ponto que ela contenha os seguintes elementos: dimensão comparada, remissão ao passado, interligação com outros fatos, incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro”.

Todavia, as matérias investigativas não reproduzem boletins policiais e sim se destacam no processo de produção do material divulgado. Para obter uma boa investigação é necessário selecionar corretamente as informações, no entanto, a melhor notícia é aquela que está escondida.

O jornalismo investigativo com o tempo se descaracterizou, no Brasil, a categoria é definida pela política brasileira e pelos poderosos do país como “denuncistas”, de crimes e principalmente de fraudes políticas.



(...) a classificação do caráter “denuncista” de certos grupos de imprensa tem relação própria com as linhas editoriais de cada redação e, em alguns casos, é fruto de estratégias deliberadas de mercado, nem sempre baseadas na ética e na boa-fé jornalística. Vale dizer, no entanto, que o termo “denuncismo” acabou por incorporar-se ao discurso das nomenclaturas políticas brasileiras, geralmente as da situação, como reação mal estudada á ação fiscalizatória da imprensa. (FORTES, 2005, p. 22)

A investigação se difere das outras categorias do jornalismo pela circunstância dos fatos e o tempo de duração para solucioná-los, fugindo das fontes oficiais e óbvias. A profissão, desde o começo é arriscada, exigindo tempo, dinheiro, paciência, talento e sorte, para que a reportagem possa ter um bom resultado. Geralmente envolvido com escândalos, lavagem de dinheiro ou políticos de grande escalão e até traficantes. A questão ética e o risco de morte estão em jogo.

Para Sequeira (2005), o jornalismo investigativo, foi definido como “um gênero que busca uma informação que grupos sociais de poder querem esconder, pressupõe-se que o repórter investigativo busca um fato que alguém não deseja divulgar, ficando explícito que o repórter caminha em direção a uma meta, um propósito, que é a verdade dos fatos.” Sequeira (2005, p. 70).

Ainda segundo a autora, outra característica da categoria é não se limitar a informar o factual, visando denunciar situações que pode ser prejudicial para a sociedade, assim fazendo com que os profissionais da área trace estratégias que os demais profissionais da atualidade não costumam empregar como: infiltração, gravadores, câmeras ocultas, grampos telefônicos entre outros.

Que o material coletado durante a infiltração não seja o ponto final da reportagem. Antes da publicação, os dados devem ser corroborados com outras fontes e por outros meios. (SEQUEIRA, 2005, p.76).

A prática do jornalismo investigativo é geralmente implicando quando há exatidão dos termos utilizados, ausência de distorções ou citações fora de contexto do que está sendo procurado e também trata-se de uma apuração mais ampla e profunda das matérias.



(...) há uma categoria que se diferencia das outras – pelo processo de trabalho e métodos de pesquisa e estratégias operacionais -, definida como jornalismo investigativo. (SEQUEIRA, 2005, p.15)

A grande diferença do jornalismo praticado nas redações para o investigativo está na técnica utilizada para o desenvolvimento da reportagem. Enquanto o primeiro encontra respaldo nas fontes oficiais o outro quer saber o que as mesmas querem esconder da sociedade.

O simples fato de um texto jornalístico conter cifras, estatísticas, porcentagens econômicas, documentação e declarações não o definem como jornalismo investigativo, já que todas essas informações podem ter sido obtidas de uma fonte oficial, extraídas de documentação ou entregue em forma de *press-release*. Ele se transforma em jornalismo investigativo quando o repórter utiliza técnicas e estratégias peculiares que não fazem parte da rotina dos jornalistas de atualidade, e quando torna públicos acontecimentos que grupos de poder querem esconder da sociedade. (SEQUEIRA, 2005, p.62)

Para isso, é necessário ir além dos entrevistados usuais e buscar os bastidores da notícia. Pena (2005, p.201) define “investigar significa pesquisar, confrontar, verificar, analisar, insistir. Todos esses verbos no mesmo processo de produção jornalística”.

## 1.2 APRESENTAÇÃO DAS MATÉRIAS

Para todas as matérias divulgadas, em qualquer das categorias do jornalismo, regras e técnicas tem que ser obrigatoriamente seguida. No jornalismo investigativo não é diferente. Segundo Lopes (2003, p. 22) algumas regras devem ser observadas quanto à utilização nas matérias: “a razão para anonimato deve ser explicada na matéria e a informação oferecida deve ser checada com, no mínimo, outra fonte”.

Sobre as técnicas, Sequeira (2000, p.75-77) explica que no jornalista se usa essas técnicas como a omissão da identidade para a infiltração do profissional nos acontecimentos. Além do uso de câmeras ocultas para gravação de áudio e vídeo.

Outro ponto importante nas reportagens investigativas são as fontes em *off* ou *off-the record*. De acordo com Lopes (2003, p.22), o trabalho com a fonte oculta exige



cuidado, pois nem todas são de total confiança. O autor entende que “a fonte perfeita será a pessoa que tem documentos importantes e está ansiosa para contar o que sabe”.

Durante todo o trabalho de investigação e dentro de todas as estratégias usadas pelo profissional, a documentação recolhida durante a apuração das informações é essencial para trazer segurança ao profissional e credibilidade à denúncia. Pois através do material será possível comprovar o que foi dito na matéria, impedindo a manipulação de informações, ou seja, um blefe. Lopes (2003, p.23) explica que “Se o jornalista não se documentou previamente, durante uma entrevista poderá ser manipulado com informações erradas”.

Lage (2001, p.139) aponta que antes de recorrer a estes métodos é preciso buscar a informação escondida da sociedade através de observações, experiência ou fontes.

A concepção de uma reportagem investigativa pode decorrer de várias experiências: pequenos fatos inexplicáveis ou curiosos, pistas dadas por informantes ou fontes regulares, leituras, notícias novas [...] ou a observação direta da realidade. (LAGE, 2001 p.139)

Segundo Ribeiro (2001, p.53-80), quando uma redação opta, por textos curtos, prazos rígidos de fechamento e controle de produção com relação aos repórteres, o jornalismo investigativo transforma-se em categoria em extinção, já que os jornais deixam de investir as grandes reportagens, como as reportagens investigativas e interpretativas são chamadas no jargão jornalístico. Desta forma, sem uma investigação apurada, que leva tempo e tem custo alto para a empresa, as informações começam a ser apresentadas ao leitor de forma fragmentada e sem estarem contextualizadas dentro da sociedade em que se manifestam.

De acordo Ribeiro (2001 p. 82-83), o trabalho do jornalismo investigativo não pode se encaixar numa redação que implanta uma planilha de produção para acompanhar a evolução de cada reportagem ao longo do dia, pois, muitas vezes, o repórter investigativo leva vários dias só para descobrir uma fonte e conseguir dela informações e documentos. E ainda, conforme Ribeiro, para muitos jornalistas investigativos, como Antonio Carlos Fon e Percival de Souza, estas medidas foram o início do fim do Jornalismo Investigativo.



Certas padronizações criadas dentro das redações desde o formato do texto jornalístico até busca pelas mesmas fontes, fez com que aos poucos as matérias investigativas perdessem força dentro dos veículos de comunicação. Em depoimento à autora Sequeira (2000, p.44-46), o jornalista investigativo Antonio Carlos Fon, declarou que alguns fatores estão levando a categoria ao fim: o ingresso de profissionais de outras áreas antes pertencentes ao jornalismo, a modulação do jornal em manuais e a preocupação dos veículos de comunicação em se defender.

(...) de acordo com, Fon é o fato de os jornais não defenderem os interesses da sociedade, e sim os de sua própria empresa, privilegiando as matérias curtas com um número reduzido informações. (SEQUEIRA, 2000, p.46).

Já Escoteguy (2005), acredita que o jornalismo investigativo não passa por um bom momento. Ele também observa que alguns fatores estão levando a esta crise dentro das redações. E afirma que a prática necessita de vários repórteres e muito tempo para a apuração do material, o que causa prejuízos para as redações. Essas necessidades apontadas pelo autor estabelecem a falta de profissionais qualificados.

No Brasil, a escassez de boas reportagens investigativas está umbilicalmente ligada à crise do jornalismo de uma forma geral- que por sua vez deve boa parte de seus problemas às dificuldades financeira econômicas dos últimos anos e a incompetência das empresas de comunicação em lidar com o profissional. (ESCOSTEGUY, 2005, p.90).

Os profissionais do jornalismo não podem ser comparados a qualquer profissional. Os autores KOVACH e ROSENSTIEL (2004), afirmam que os jornalistas só alcançam a independência se possuir lealdade com os cidadãos e que dentro de qualquer categoria a população esteja em primeiro lugar.

(...) tem obrigação social na verdade pode ir além dos interesses imediatos de seus patrões, e ainda assim essa obrigação é a razão do sucesso financeiro desses mesmos patrões. (KOVACH e ROSENSTIEL 2004, p.83)





Tanto Kovach e Rosenstiel (2004) quanto Pena (2005), avaliam que a repercussão da matéria investigativa contribui com a democracia no sentido em que provocam as discussões e questionamentos da sociedade sobre tal fato.

## **2 O CASO REGINALDO**

Em 29 de agosto de 2009, Reginaldo Donnan dos Santos, 31 anos, vendedor ambulante, foi vítima de espancamento dentro do Goiabeiras Shopping, em Cuiabá.

Reginaldo foi agredido por quatro seguranças do shopping e em seguida colocado dentro de um contêiner. Os seguranças, Ednaldo Rodrigues Belo, Waldenor de Moraes, Jorge Dourado Nery e Jeferson Luiz Medeiros, em depoimento a polícia, relataram que o vendedor ambulante estava fazendo arruaças e xingando- os dentro das dependências do estabelecimento. A vítima ficou dois dias internada no Pronto Socorro de Cuiabá e teve morte cerebral no dia 01 de setembro, por volta das 20h15.

Em 11 de setembro de 2009, os seguranças confessaram o crime em novo depoimento e seriam indiciados por homicídio triplamente qualificado.

Jeferson Luiz era o principal apontado pela morte de Reginaldo, após ficar 24 horas preso e mantendo o mesmo depoimento, que o vendedor teria se machucado ao cair da escada. Porém esta versão foi descartada pelos depoimentos dos outros três seguranças e pelo laudo do Instituto Médico Legal. Em 15 de setembro de 2009, Jeferson foi transferido do Centro Integrado de Segurança e Cidadania (Cisc), do Verdão para o Centro de Ressocialização de Cuiabá, antigo Carumbé.

Ano passado a mãe de Reginaldo, Odaisa dos Santos Queiroz, solicitou o pagamento de uma pensão provisória no valor correspondente a dois salários mínimos. Porém o pedido foi negado pela justiça no dia 20 de janeiro de 2010.

Até o momento o caso está em andamento na justiça, e os supostos agressores ainda não foram julgados.

O caso que é recente requer uma investigação minuciosa, pois o fato causou impacto social e repercussão na mídia matogrossense, além disso, as investigações parecem estar cercadas de mistérios.



### 3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O tema jornalismo investigativo não tem uma frequência de relevância pelas editorias dos jornais, pois de 38 matérias noticiadas no jornal Diário de Cuiabá 34 matérias foram veiculadas no Caderno de Cidades e apenas 4 no caderno de polícia.

<b>Matérias Diário de Cuiabá</b>	
Quantidade de matérias analisadas	38
Matérias sobre o caso Reginaldo no Caderno de Cidades	34
Matérias sobre o caso Reginaldo no Caderno de Polícia	4
Matérias especiais para o Diário de Cuiabá	5 todas com a repórter Steffanie Schmidt

Quadro 1

Fonte: Diário de Cuiabá

Já no Jornal A Gazeta, as 33 matérias foram publicadas no caderno Cidades. Pode-se analisar então que o caso Reginaldo não foi visto uma ocorrência policial e muito menos como de jornalismo investigativo.

<b>Matérias A Gazeta</b>	
Quantidade de matérias analisadas	33
Matérias sobre o caso Reginaldo no caderno de cidades	33
Matérias sobre o caso Reginaldo no caderno de polícia	0

Quadro 2

Fonte: A Gazeta

Tanto no jornal Diário de Cuiabá quanto A Gazeta destacaram-se o que supostamente aconteceu no dia 29 de agosto de 2009, quando Reginaldo foi espancado.



As matérias deram mais ênfase à verdade do caso e não dispendo de fatos novos sobre o ocorrido, gerando uma matéria exaustiva para o leitor.

Com relação ao caso enfatizaram sobre a vida sofrida de Reginaldo como ambulante dando destaque poucas matérias na capa e uma repetição constante de fotos. As notícias também, não foram ressaltadas como jornalismo investigativo, e nem agrupadas por temas.

<b>Fotos jornal Diário de Cuiabá</b>	
Fotos repetidas	3
Matérias com foto	28
Matéria sem foto	10

Quadro 3

Fonte: Diário de Cuiabá

<b>Fotos jornal A Gazeta</b>	
Fotos repetidas	9
Matérias com foto	33
Matérias sem foto	Nenhuma

Quadro 4

Fonte: A Gazeta

As matérias foram produzidas pela equipe local das redações e escritas por vários repórteres, no jornal Diário de Cuiabá 5 e A Gazeta 7 jornalistas, dessa forma, as notícias não possuem uma continuidade precisa sobre o caso, pois cada repórter tem sua maneira de escrever e interpretar os fatos.

<b>Repórteres do Diário de Cuiabá</b>	
Quantidade de repórteres que escreveram sobre o caso	5
Steffanie Schmidt	19
Alecy Alves	6
Adilson Rosa	6
Joanice de Deus	1



Renê Dióz	1
Da redação	4

Quadro 5

Fonte: Diário de Cuiabá

<b>Repórteres A Gazeta</b>	
Quantidade de repórteres que escreveram sobre o caso	7
Ana Paula Bortoloni	12
Caroline Rodrigues	1
Nadja Vasques	19
Raquel Ferreira	9
Andréia Fontes	1
Rose Domingues	1
Da redação	5

Quadro 6

Fonte: A Gazeta

Esta análise mostrou como o jornalismo investigativo ainda não é predominante nas editorias dos jornais. Percebe-se este fator quando se pondera o número de publicações no início de 2010 até abril. De dezembro a fevereiro apenas uma matéria por mês foi veiculada no jornal Diário de Cuiabá, e no jornal A Gazeta nenhuma notícia sobre o caso foi publicado de dezembro de 2009 a março de 2010.

<b>Meses de matérias publicadas no jornal Diário de Cuiabá</b>	
Setembro	22
Outubro	6
Novembro	7
Dezembro	1
Janeiro	1
Fevereiro	1
Março	2

Quadro 7

Fonte: Diário de Cuiabá



<b>Meses de matérias publicadas no jornal A Gazeta</b>	
Setembro	24
Outubro	6
Novembro	1

Quadro 8

Fonte: A Gazeta

Analisou-se a quantidade de meses que as matérias foram noticiadas pelos jornais, e pode perceber que o veículo de comunicação Diário de Cuiabá enfatizou mais o Caso Reginaldo do que A Gazeta.

## **CONCLUSÃO**

Diante das análises realizadas nos meios de comunicação, pode-se concluir, até o momento, que certos critérios vistos nas notícias não estão dentro das normas do jornalismo investigativo como: respeito às fontes, objetividade, precisão, curiosidade, desconfiança, conhecimento policial básico, paciência e concentração.

Podemos constatar que o jornalismo investigativo nos veículos Diário de Cuiabá e A Gazeta enfrentam algumas dificuldades elencadas abaixo:

- 1- O estudo mostrou que nos dois jornais analisados há uma precariedade dos critérios utilizados para uma matéria jornalística investigativa de qualidade.
- 2- As hipóteses constatadas no decorrer da pesquisa foram confirmadas, já que a maioria das reportagens foi veiculada no caderno Cidades.
- 3- Pela falta de profissionais na prática investigativa, os casos que necessitam de investigação não recebem a atenção devida pelos veículos de comunicação, já que as matérias publicadas foram feitas por vários jornalistas, o que gera uma falta de sequência de publicação das notícias.
- 4- Há uma falta de apuração jornalística e uma disciplina de averiguação nos jornais analisados.

Com isso os periódicos A Gazeta e Diário de Cuiabá deveriam tratar a investigação com especificidade como defender a apuração jornalística profunda, assim fazendo cumprir o papel social do repórter como também dar credibilidade a profissão.



É relevante, que os critérios de noticiabilidade, necessitariam ser vistoriados pelas chefias dos jornais, para que um jornalismo investigativo seja feito com qualidade. Como também especificar para cada caso um repórter para relatar fatos investigativos, fazendo com a matéria divulgada seja de categoria.

O trabalho é uma forma de discutir a maneira como as editorias retratam a questão profissional na área investigativa.



## REFERÊNCIAS

- FORTES, Leandro. *Jornalismo investigativo*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- BURGH, Hugo. *Jornalismo investigativo: contexto e prática/organizado por Hugo de Burgh; tradução Luiza Lusvarghi – São Paulo: Rocca, 2008.*
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>>, acesso em mar.2010.
- SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. *Jornalismo Investigativo – O fato por trás da notícia*. São Paulo: Summus, 2005.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LOPES, Dirceu Fernandes. *Caminhos do jornalismo investigativo em busca da verdade oculta*. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.
- RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre alerta – Condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os Elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e público exigir 2a ed.* São Paulo: Geração Editorial, 2004.
- ALVES, Marcelo. *Cultura de massa e representações sociais: critérios de noticiabilidade no jornalismo investigativo*  
<[http://www.pucrio.br/pibic/relatorio\\_resumo2008/relatorios/ccs/com/com\\_marcelo\\_alves.pdf](http://www.pucrio.br/pibic/relatorio_resumo2008/relatorios/ccs/com/com_marcelo_alves.pdf)> acesso: 30 de março de 2010
- ESCOSTEGUY, Diego. *Encruzilhada*. In: FORTES, Leandro. *Jornalismo investigativo*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p.90.